

Entre o sagrado e a ritualização do atrativo cultural: um estudo da procissão de Corpus Christi de Flores da Cunha, RS

Pedro de Alcântara Bittencourt César ¹

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Resumo: Estudo das transformações sócio-espaciais de um evento do Catolicismo Romano na cidade de Flores da Cunha (RS). Esta localidade de influência e formação na migração italiana tem aspectos tradicionais marcantes, e suas transformações podem ser objeto de intenso conflito. Na procissão de Corpus Christi, o tapete confeccionado nos logradouros, para receber a procissão tem, a princípio, uma vida útil de horas. Na localidade estudada, seu termino não se associa a procissão, estendendo por mais alguns dias, para possibilitar a uma visita turística. Esta pesquisa objetiva, estudar, por uma perspectiva bourdieuana, se tal alteração entra em conflito com a formação do mito e da religiosidade que este objeto referencia. Assim, realiza-se pesquisa de observação indireta com os agentes envolvidos com a problemática, principalmente no momento da procissão em louvor em questão. Sua análise, possibilita compreender a relação: morador, rito, patrimônio e visitante.

Palavras-chave: Turismo cultural; patrimônio cultural; Turismo na Serra Gaúcha; Territorialidade turística.

Apresentação

Na Igreja Católica uma das importantes celebrações é o rito de *Corpus Christi*, realizado, em data móvel. Assim, em uma quinta-feira do primeiro semestre de cada ano, enfeitam-se ruas para passar a hóstia consagrada em um rico ostensório, e levado pela maior autoridade da Igreja Católica Romana, presente. Cercado por uma guarda de quatro pessoas, normalmente da Irmandade do Santíssimo, inicia-se a procissão.

O enfeite na via pública, ou o tapete, como é conhecido, consiste em uma decoração com flores, serragens, e outros materiais para dar cor e um aspecto de manto natural com apelos catequéticos. Este serve como decoração, e objeto litúrgico, para a passagem do cortejo. Assim, ao passar dilui-se toda essa decoração, conseqüente do pisotear de centenas, ou milhares de pessoas, que o acompanham participando da procissão. Entretanto, na cidade de Flores da Cunha (RS), município da Serra Gaúcha, tem se a tradição de visita aos logradouros decorados após a procissão religiosa. Peculiaridade que instiga a realização dessa pesquisa.

¹ Arquiteto e urbanista, Doutor em Geografia (USP) e Prof. Adjunto do Programa de Mestrado em Turismo e do Centro de Artes e Arquitetura da Universidade de Caxias do Sul

Estuda-se essa alteração do evento e busca compreende as suas peculiaridades. Provavelmente, com a alteração, a presença do visitante do tapete torna-se também um dos principais atores na composição social do espaço sagrado.

Questão de método

Essa pesquisa se estrutura em alguns pontos: Reconhecer o papel atribuído do sagrado, do ritualizado no festejo de Corpus Christi na cidade de Flores da Cunha (RS); A compreensão sócio-espacial existente, entre a localidade e a praça, e o estudo contextual diante do rito. Nas duas primeiras etapas realiza-se levantamento de fontes secundárias, fundamentalmente bibliográficas, acerca da problemática. Finalmente, desenvolve-se pesquisa de campo, levantando as maneiras com que o sujeito – todos aqueles em contato com o tapete da procissão – relacionam-se com o objeto pesquisado.

As categorias território e territorialidade são trabalhadas (STEIN, 2003; BALLY, 1995) para compreender como os diversos atores envolvidos apropriam do lugar. Assim, nortear-se a pesquisa com a identificação de grupos, que se apropriam do local, e sua relação com a decoração pública - os tapetes. Adota-se uma visão baseada em Bourdieu (2003) como suporte metodológico. Sabe-se do vasto cabedal de oportunidades na pesquisa, com diversos questionamentos possíveis. Entretanto, a observação, foca-se a “uma questão específica e a totalidade onde encontra a questão observada” (CHIZZOTTI, 2005). Reporta-se assim, no tapete da procissão como objeto referencial da celebração religiosa e atrativo de visitação turística.

Realizam-se, para as identificações das relações dos diversos atores com o objeto de observação, entrevistas livres. Por meio delas, obtêm-se respostas as questões norteadoras existentes no decorrer das hipotéticos. Os questionamentos levantados foram sendo respondidas, abordando fies católicos, religiosos, visitantes (turistas e excursionistas) e profissionais de apoio (de imprensa e policiais). Desta forma, não foi feito nenhum roteiro prévio, e os entrevistados somente foram questionados acerca das questões necessárias para a compreensão das duvidas recorrentes.

Realiza-se pesquisa por indução de fatos e fenômenos marcantes. A principal indagação figura na procissão de quinta-feira (data de Corpus Christi) e na maneira que esta dá suporte para a sua extensão até domingo, quando termina a visitação aos tapetes

confeccionados nos logradouros. Sabe-se, como pressuposto, que por tradição, em outros lugares, esse é destruído no instante do evento (a procissão).

O mito e o rito: a formação mística da profissão

Segundo Bonatti “o rito é uma necessidade de todo homem e é encontrado em todas as culturas. Faz parte da vida e ocasião de fazer uma oferta ou de ter um contato especial com alguém especial” (BONATTI, 1983, p.65). Nesta situação, interpreta-se a própria vida, por representações de hábitos e costumes além de criar uma relação íntima e pessoal entre o objeto e o sujeito. Assim temos, por exemplo, os ritos do catolicismo, que foram, durante séculos, moldado pela cultura peculiar de cada povo que o absorvia, mantendo, porém, em todos os lugares, uma mesma linguagem (RUTHVEN, 1997, p.19). Outra forma de reflexão mística associa-se à cultura imaterial, como as festas populares. Essas são “rituais e, assim sendo, consistem em ‘momentos especiais de convivência social’ em que certos aspectos da realidade” são interpretados (MAIA, 1999, p.192), unindo as funções de cerimonial e festividade, com práticas e expectativas cotidianas.

A manifestação das festas populares está associada a um ritual que impõe: Uma ordem de poderes que sente como incontroláveis, procura transcender a coerção ou a frustração de estruturas limitativas através de sua reorganização cerimonial, imagina outras práticas sociais, que as vezes chega a pôr em prática no tempo permissivo da celebração. (...) A festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudança (...) seus excessos, os esbanjamento e sua alegre decoração são compreendidos com as suas carências rotineiras (CANCLINI, 1983, p.55).

Porém, Amaral, relata que:

A festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediação da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre o criador e a criatura, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser (...). A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediante ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis (AMARAL, 1998, p.52).

Dessa forma, utiliza-se o evento religioso como recurso desde épocas remotas, pelas mais diversas comunidades, para negar imposições sociais e mazelas da vida cotidiana, reforçando laços e religando o indivíduo ao universo do domínio do inconsciente.

A procissão de Corpus Christi foi oficializada por Urbano IV em 1264 (KASSAB, 2010, p.190). Ela sempre teve um aspecto alegórico, de encenação pelas vias públicas, marcando o enfeite e a preparação das áreas públicas para a sua passagem. “As procissões, sobretudo sacras, encerram um grande valor simbólico e estão associadas a uma dinâmica festiva e popular”. (CARDONA, 2008, p.127). Nela sobressai uma prática comunitária, com seus muitos atores, apresentando a representação de fé de diversos ritos e mitos dos seus envolvidos. Desde o início da Procissão de Corpus Christi, com sua origem na Idade Média, dar-se destaque ao momento de louvor e exteriorização, pessoal e institucional, da fé. Entretanto, nela, há séculos, são associadas e expostas as condições socioculturais de seus frequentadores (CARDONA, 2008, p.135). Neste momento, muitas vezes, objetos diversos são expostos, como os das ordens religiosas.

Aspectos culturais da localidade

Flores da Cunha localiza-se na Serra Gaúcha, a uma distância de 150 km da capital Porto Alegre (RS), e a 710 m de altitude acima do nível do mar. Embora o município destaca-se como o maior produtor de vinhos do Brasil e segundo polo moveleiro do Rio Grande do Sul, sua condição social é marcada por aspectos bucólicos. Neste panorama, o culto as tradições herdadas dos imigrantes italianos, fundamentados na língua, na gastronomia, na música, na religiosidade, nos usos e costumes apresentam fortes apelos da identidade dos moradores.

No processo de fixação do imigrante italiano, a religião representava vários elos. Por meio dela, “nas colônias do Rio Grande do Sul, frequentemente isoladas, os padres puderam desenvolver seu poder sem grandes obstáculos.” (POSSAMAI, 1999, p.80). Assim, se o lado institucional do sagrado conduz a religar a Deus, a outra dimensão, desde o início, até os dias de hoje, tem a religiosidade católica aproximando da terra dos antepassados. Por ela, cultua e “(...) a ligava o amor à Itália à manutenção da religião católica” (POSSAMAI, 1999, p.80), cultivando hábitos, e outras referencias como

extensão ultramar da Itália. Entretanto, a Igreja teve também forte influência francesa, propagada pela ordem dos Capuchinhos. “A igreja matriz de Flores da Cunha [ponto inicial da procissão] foi projetada na França a pedido dos frades e, mesmo que o estilo neogótico não fosse do agrado da maioria dos italianos, os capuchinhos souberam convencê-los a mudar de ideia” (POSSAMAI, 1999, p.80) (Figura 1). Porém, no cotidiano, mesmo essa ordem propagava a italianidade, e hoje não há referência francesa que seja expressa no cotidiano florence.

Existe um errôneo conceito que “o turista, ao contrario do habitante, não se apropria do espaço, ele simplesmente passa por ele” (JAQUES, 2005, p.18). Sabe-se que este visitante não cria relações de cotidiano, como definido classicamente pela Sociologia, ou de apropriação da identidade, como proposto pela Geografia Cultural, entretanto, suas relações com o espaço definem novas lógicas de apropriação, resultando em novas territorialidades e em processos de espetacularização.

Figura 1 – Fachada da Igreja Matriz de Flores da Cunha



Fonte: Foto do Autor

Nesse panorama, posicionam-se hierarquias urbanas definindo parâmetros na definição da localidade como atributos mundiais. Nesse processo, a cidade, ou parte do seu território, se envolve em uma transformação o definindo, não mais como espaço, mas como parte de um grande cenário. O cidadão pode nela compor como figura inanimada

– o figurante. A chave do processo de envolvimento esta no reconhecimento do seu papel. Desta maneira, sua participação efetiva sem a restrição de uso nos locais torna-se uma das variáveis de análise. O uso cultural e social dos objetos presentes, com suas experiências sensoriais, individuais e coletivas reforçaria sua participação. Assim, “a cidade não só deixaria de ser cenário e passaria a ser palco mas, mais do que isso, ela passaria a ser um corpo, um outro corpo” (JAQUES, 2005, p.20).

A procissão – estudo do objeto

Patrimônio, etimologicamente, origina-se do latim *patrimonium* e relaciona-se aos bens de nossos ancestrais. Atualmente, a ideia de bem associa a identidades, seja individual ou coletiva. Nela, associa-se a elemento cultural socialmente formulado como representação de algo.

Afirma Varine-Bohan, acerca da sua formulação e dos agentes envolvidos que “(...) tornam sagrado o bem, somente quando lhes interessa” (VARINE-BOHAN, 1974, p.10). Assim, sua confirmação torna-se recurso para o desenvolvimento do turismo ao redor do mundo.

A metamorfose do seu valor de utilização em valor econômico é realizada graças à ‘engenharia cultural’, vasta empresa pública e privada, ao serviço da qual trabalha uma multidão de animadores, comunicadores, agentes de desenvolvimento, engenheiros, mediadores culturais (CHOAY, 2000, p.185).

Uma localidade, ao estimular o desejo de visitaçao em um indivíduo, assume papéis míticos para ele. O elemento turístico é construído na mente do viajante como símbolos e fantasias que sacralizam, assim, um dualismo entre o espaço mítico e o profano. Nele se relabora funções, diversifica ou anulam usos no espaço envolvido. Pode-se falar inclusive na invenção de tradições como:

[...] um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 1984, p.9).

O turismo é um fomentador das tradições, incentivando costumes, trajes típicos, a gastronomia, as danças folclóricas, etc. Nele:

A sociedade moderna está, igualmente, ressuscitando ou inventando tradição sob a forma de espetáculo, pois o lugar turístico vive e cobra muito o ‘típico’. (...). Vários autores apresentam longas listas de tradições inventadas, deliberadamente, hoje tidas como legítimas. As organizações, direta ou indiretamente ligadas ao mercado, criam as suas

em função do lucro que representam. Aí o turista dá vazão à nostalgia e ao seu tipo de comprometimento com a história (YÁZIGI, 2001, p.271).

Sabe-se que todas as manifestações são frutos da ação de alguém sobre algo, ou seja, de um ato de criação, ou invenção. O aspecto cultural, esta na escolha, de ter e desenvolver, na sociedade algo que por princípios o associa. Nela, as práticas e os objetos tornam-se seus pertencimentos, podendo em um segundo momento fazer outras representações como patrimônio, e como valores míticos. Desta forma, uma localidade pode ser detentora de um monumento, uma obra de arte, e apresentar valores que transpõem a sua funcionalidade, devido a sua representatividade mítica.

O tapete da celebração de Corpus Christi da localidade, representa uma referencia identitária do local. Sua confecção, sua procissão e a apropriação são acompanhadas por milhares de devotos, visitantes, além da estrutura de serviços urbanos e de cobertura de comunicação de massa. Sua sacralização e patrimonialização desafiam as lógicas tradicionais, ao referir o papel final atribuído O evento, tradicionalmente, divide nas etapas: Elaboração do tapete com a sua apreciação; Missa com a procissão sobre o tapete, que imediatamente se desmancha por pisoteamento. Entretanto, em Flores da Cunha a apreciação sobrepõe ao momento da procissão. Essa lógica associa-se ao momento da festa e acomoda e confronta com a visitação até o domingo subsequente. Cria-se assim, toda uma nova elaboração do rito, ao preservar o objeto da procissão para mais visitação em mais dias.

Figura 2 – O tapete após a procissão, com as marcas dos passos do bispo



Fonte: Foto do Autor

No trabalho de campo foram identificados que a origem deste evento, a procissão, não remonta a fase de assentamento colonial dessa localidade. Como muitos outros eventos que ocorrem nesta região cultural de migração italiana da Serra Gaúcha. Sua institucionalização tem um pouco mais de uma década e diferente das profissões do restante do país, nela sempre teve a preocupação em manter o tapete para mais alguns dias de apreciação. Assim, seus valores transcendem sua necessidade de adorno do ostensório – local onde fica solenemente a hóstia consagrada (Figura 2). Os tapetes adquire uma nova dimensão, de visitação, embora não há sentimento de demérito na divisão do tapete entre o sagrado e o turístico. Situação que poderia ser considerado blasfêmia, em outro local, nesta ritualização é recorrente. Pesa-se, no ato, principalmente, a ação do bispo da diocese, carregando o objeto sagrado, e com toda delicadeza, ir procurando o melhor caminho para evitar maior dano ao tapete. Essa atitude inclusive contrasta com outras procissões que ocorre normalmente em muitos outros lugares, e mesmo na Serra Gaúcha. Desta maneira, no decorrer da procissão notou-se que pelas ruas pesquisadas, somente o bispo pisoteia o tapete, e mesmo assim, com cuidado para não alterar os desenhos. O cortejo religioso passa rente, no limite externo e a população pelos canteiros das ruas e da praça. Assim, a procissão, tem toda uma mudança na ordem de horizontalidade, fazendo uma releitura dessas lógicas, sem desafiar as relações verticais.

Figura 3 – A condução do bispo, o ostensório e o tapete



Fonte: Foto do Autor

Foram identificados entre milhares de frequentadores alguns grupos específicos. Dezenas de religiosos e de grupos de apoio à instituição religiosa e a estrutura de serviço misturam a: milhares de moradores locais e de arrabaldes, e centenas de turistas e praticantes de grupos de fotografia (esses dos arredores). Suas roupas e adereços, com seus gestos os caracterizam (BOURDIEU, 2003).

“A lógica de relação simbólica impõem-se aos sujeitos como um sistema de regra absolutamente necessário em sua ordem” (BOURDIEU, 2003, p.25). Embora nesse caso dessa pesquisa remete-se a representação do representado. A construção social sobre o sacro, e suas características peculiares, com um mito e sua ritualização atendendo a interesses espirituais entre outros subjetivos. Neles, a dimensão religiosa, representa um papel importante de ordem hierárquica para todos envolvidos, mesmo para o policial e o repórter que não necessariamente são católicos.

A rua torna-se espaço do catolicismo romano e da visitação. A confecção do tapete ao entorno da praça defronte a Igreja Matriz de Flores da Cunha reproduz diversas dinâmicas espaciais nas ruas do seu entorno. Elaborar-se um território mítico, católico, de visitação, paroquial, além de ser um pleno lugar para o convívio dos moradores que ali recebem visitantes, conhecidos ou não. A sobreposição de interesses não cria conflito. Todas essas demandas de apropriação se engendram neste espaço democrático da localidade. A ausência, de muitos interesses concorrentes acentua esta situação.

Considerações finais

As territorialidades elaboradas na localidade em estudo estabelecem exemplos definidos. A estes a participação da comunidade na formulação do atrativo cultural e, a maneira com que se define o atrativo sem perder as lógicas rituais e míticas cria parâmetros para futuras análises.

Provavelmente, a pouca distancia cultural entre os diversos atores possibilitam a diminuição de conflitos. A transformação da procissão em atrativo, desmistificando a destruição do tapete no momento da passagem da eucaristia consagrada não é questionada pelos moradores. De fato, esta nova ordem acontecida sempre marcou o evento religioso. Assim, a visitação referencia-se o pós-evento como sua extensão, embora, não se apresenta explicitamente a formação do rito voltado para a visitação



turística, esse tem sido a década o mote final. A população, voltada a relações hierárquicas com a espiritualidade institucional reelabora suas convicções sem questionar essas alterações. Essa situação pode ser tanto uma visão de vanguarda como de obediência, mas de fato torna-se a localidade contemporânea, nesse aspecto, e com uma lógica de envolvimento comunitário bem elaborado.

Espera-se que tal situação servia de exemplo seja objeto de reflexão de planejadores e teóricos diversos. A elaboração de uma tradição com o envolvimento da comunidade é sempre uma complexo. Entretanto, pode ter um aspecto de acaso. Essa pesquisa abre novas indagações que espera-se que seja breve respondida.

Referências

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festas à brasileira: significado do festejo, no país que "não é sério"**. Tese em antropologia. Departamento de Antropologia (FFLCH-USP), São Paulo, 1998.

BAYLLI, Antoine, Géographie regionale et représentation. In: BAYLLE, A.; DEBARDIEUX, B (org.) **Géographie regionale et représentation**. Paris: Anthopos, 1995, p.25-34.

BONATTI, Mário. **Liturgia, comunicação e cultura**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2000.

HOBBSAWN, Eric. Introdução: a invenção da tradição. In: _____ e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcanti, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984, p.9-23.

JAQUES. Paula Berenstein. Errancias Urbanas: a arte de andar pela cidade. In. **Arqtexto**, n.7, 2005, p.16-25.

KASSAB, Yara. **As estratégias lúdicas nas ações jesuíticas, nas terras brasílicas (1549-1597)**. Tese de doutorado. Departamento de História (FFLCH-USP), São Paulo: 2010.

MACHADO, Paula Cristina. Procissões sacras: arte e equipamentos no universo das confrarias. In: **Revista da Faculdade de Letras: ciências e técnicas do patrimônio**. Porto (Portugal): 2008 (2008-9). Série 1, Volume VII-VIII, p. 127-149.

MAIA, Carlos Eduardo S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares sobre festas brasileiras. In: ROSENDHAL, Zeny e CORREA, Roberto Lobato (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

POSSAMAI, Paulo César. Igreja e italianidade: Rio Grande do Sul (1875-1945). In. **Revista de História**. São Paulo: FFLCH, USP, v.141. 1999, p.75-90.

RUTHVEN, K. K. **O mito**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

STEIN, Véronique. **La reconquête du centre-ville: du patrimoine a l'espace public**. Tese de doutorado, Genebra: Faculdade das Ciências Econômicas e Sociais da Universidade de Genebra, 2003.

VARINE-BOHAN, Hügues. Patrimônio cultural: a experiência internacional. In: **Notas da aula**. FAU / USP, São Paulo, 12, agosto de 1974.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.